

o[s] tempo[s] do[s] medi@

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 7 . 2007

O Século com a Alemanha nazi
(1934-1939)

António Louçã e Isabelle Paccaud

António Louçã. Jornalista da RTP.

Isabelle Paccaud. Assistente e doutoranda na Universidade de Lausanne.

O diário *O Século*, fundado por um punhado de republicanos em 1881, iria publicar-se até 1978 como um dos principais jornais portugueses. Ele atingiu na fase final da monarquia e nos tempos conturbados da Primeira República uma importante difusão entre as elites urbanas alfabetizadas e tornou-se por isso presa disputada por diversos *lobbies* económicos e por diversas correntes políticas. Às vésperas do golpe militar de 28 de Maio de 1926, ele chega como órgão oficioso da Associação Comercial de Lisboa e como poderosa tribuna de agitação anti-republicana, como já tem sido evidenciado em estudos diversos sobre esse período histórico¹. Para além da vocação putschista do jornal, existe contudo um aspecto que até aqui não foi suficientemente analisado: a simpatia que ele desde cedo manifesta pelos movimentos da extrema-direita europeia e pelas ditaduras nacionalistas ou fascistas. Esta simpatia anda nos anos 1932-1934 de mãos dadas com uma notória desconfiança face ao nazismo, mas regista a partir do início de 1935 uma inflexão a todos os títulos impressionante, que vai durar até ao início de 1939.

É sobre estes anos de simpatia de *O Século* pela Alemanha nazi que o presente artigo vai debruçar-se. Concentrar-nos-emos aqui nos editoriais e, acessoriamente, em algumas manchetes de *O Século* a partir de Fevereiro de 1935, data em que a viragem pode ser situada com razoável precisão. Deixaremos propositadamente de lado um número especial de propaganda nazi que *O Século* publicou em 18 de Fevereiro de 1935, que já noutro lugar se analisou² e que, por constituir possivelmente um caso de publicidade paga³, não deverá ser amalgamado com a orientação editorial do periódico.

1. *O Século* propagandeia as doutrinas fascistas

1.1. A “lepra comunista”

Em todo o período referido, a ameaça revolucionária é descrita com as cores mais carregadas: ora se refere a “lepra comunista”, ora a “barbárie asiática”⁴, ora a “onda de selvajaria” que, “vinda dos confins do Oriente asiático”, ameaça subverter a civilização⁵. A Terceira Internacional é uma “sinistra organização, cujos tentáculos se cravam em todos os países civilizados, não pára no seu avanço, não se detém na ânsia de obter pela força e pelo crime os seus objectivos hediondos. Arrebanha energúmenos e desesperados por toda a parte. Recruta criminosos de todas as estirpes e forma hostes aguerridas a quem incita constantemente para a selvajaria e para os mais audazes cometimentos sanguinários”⁶. Os inimigos dos governos da ordem, afirma-se noutro momento, são “todos

¹ Cf. TELO, António – “As associações patronais e o fim da República”. In: *O Fascismo em Portugal. Actas do Colóquio da Faculdade de Letras* (Março, 1980). Lisboa, Regra do Jogo, 1982. Cf. também RODRIGUES, Ana Maria – “Deambulando pela história d’*O Século*”. In: SERRÃO, José Vicente (Coord.) – *Pelos séculos d’O Século*. Lisboa, IAN/FT, 2002.

² Cf. LOUÇÃ, António – *Conspiradores e traficantes. Portugal no tráfico de armas e de divisas nos anos do nazismo (1933-1945)*. Lisboa, Oficina do Livro, 2005.

³ I. Weissman a N. Goldmann e A. Tarrakower, do Congresso Mundial Judaico, 28.6.43. Arquivo de Yad Vashem, Jerusalém, M20/29 I.

⁴ “Palavras proféticas”. In: *O Século*. 21.9.1936.

⁵ “Raízes do nacionalismo”. In: *O Século*. 1.12.1936.

⁶ “A frente única da ordem”. In: *O Século*. 3.8.1936.

os díscolos, todos os vadios revolucionários, todos os ladrões e todos os assassinos, apostados em se apoderarem da direcção suprema dos povos à força de abominações e de crimes”⁷.

Na Espanha republicana pretende-se reconhecer o exemplo acabado da obra destrutiva do bolchevismo: aí se concentraram “todas as forças do mal, toda a crápula que corrói a humanidade, todas as hostes internacionais do crime e da destruição, todos os sedentos de vingança”⁸. Essa legião de servidores é constituída pela “escumalha comunista, essa fina-flor da cobardia e da poltronaria”, por “hordas dementadas pela sede de sangue e enfurecidas pela ânsia de destruir, de arrasar, de roubar”⁹, por “massas ululantes, a pedir incessantemente a cabeça dos burgueses”¹⁰, por “ladrões e assassinos contumazes e incorrigíveis”¹¹. Até aos últimos dias da guerra civil, *O Século* continuará a falar dos combatentes da República como “essa tropa mesclada de todos os sangues e civada de todos os vícios”¹². Também a “França comunista”, que deu o triunfo eleitoral às listas da Frente Popular, ocupa um lugar destacado entre os inimigos de estimação de *O Século*¹³.

Definitivamente, quem sabe lidar com o “vírus bolchevista” é o nazismo. Em 14 de Setembro de 1937, publicam-se longos extractos do discurso pronunciado na véspera pelo *Führer*, por ocasião do encerramento de mais um Congresso de Nuremberga. Este enaltece o mérito dos regimes que se “esforçaram por extirpar do organismo nacional os elementos predispostos a favorecer a invasão e as consequências do vírus bolchevista”. O risco que se corria era o de uma revolução segundo o modelo russo, conduzindo à “ditadura ultra-brutal duma raça estrangeira que tomou, absolutamente, exercendo-a duma forma ditatorial, o domínio dos elementos russos”¹⁴.

1.2. O anti-semitismo nazi

Raramente surge em *O Século* algum artigo convictamente anti-semita. O tom habitual do periódico é reservado: em 17 de Junho de 1935, noticia descatos das SA ocorridos no centro de Berlim, dando sempre uma no cravo e outra na ferradura, e geralmente citando convicções de outrem. Por um lado, admite-se que as desordens tenham sido “organizadas com antecedência” e que tenham sido, “de começo, dirigidas por membros do partido nazi, vestidos à paisana”. Por outro lado, ecoa-se sem crítica o comunicado da polícia, desculpabilizando os *pogroms*, “bem naturais, dada a conduta arrogante dos judeus” e a versão da mesma polícia segundo a qual “muitos judeus são transferidos para campos de concentração a fim de se lhes garantir a segurança”. Tam-

⁷ “Governos que governam e governos que são governados”. In: *O Século*. 5.11.1936.

⁸ “O fim duma especulação”. In: *O Século*. 21.10.1936.

⁹ “A queda de Badajoz”. In: *O Século*. 17.8.1936.

¹⁰ “Um Pacto”. In: *O Século*. 28.11.1936.

¹¹ “Um valhacouto da crápula internacional”. In: *O Século*. 27.11.1936.

¹² “Consequência duma invasão”. In: *O Século*. 2.3.1939, p. 2.

¹³ “O isolamento da França”. In: *O Século*. 23.10.1936.

¹⁴ “Que o criminoso soviétismo moscovita cesse de estender a sua barbárie. Os tempos em que ele poderia encontrar-se na presença de um povo desarmado já acabaram!” – declarou Hitler ao findar o Congresso dos Nazis”. In: *O Século*. 14.9.1937.

bém os atentados “contra os bons costumes” são descritos na linguagem típica dos nazis: “Em Breslau (Silésia) a polícia prendeu seis judeus e seis arianas acusados de manterem relações. Vão ser internados em campos de concentração ‘por terem manchado a raça’”¹⁵. Um pouco mais tarde, noticia-se sem comentário a proibição de os judeus entrarem nos balneários públicos de Augsburg. Também sem comentários, cita-se o general Kurt Daluege, acusando os judeus de estarem “envolvidos no tráfico de estupefacientes, em burlas, na falsificação de aparelhos de jogos de azar, etc.” e de serem frequentemente “carteiristas” [sic!]¹⁶. Noutras ocasiões citam-se sem comentário declarações de responsáveis nazis tendentes a amalgamar judeus e comunistas¹⁷, ou outras atribuindo as violências a provocação dos judeus¹⁸. Por ocasião da anexação da Áustria e do ulterior plebiscito, o periódico observa laconicamente que “os judeus ou pessoas que tenham pelo menos três avós de raça judaica não puderam participar no plebiscito. Aplicaram-se ao acto de hoje as chamadas leis de Nuremberga”¹⁹. Só em raras excepções *O Século* foge a esta regra de construção do discurso²⁰.

Um episódio que em três dias sucessivos merece a atenção de *O Século* é o atentado cometido na Suíça pelo jovem judeu David Frankfurter contra o dirigente nazi local Wilhelm Gustloff, abatido a tiro nessa ocasião. Frankfurter, a quem não se conhece qualquer filiação política, decidira levar a cabo o atentado em protesto contra as violências anti-semitas que os nazis vão multiplicando. O atentado dividiu as comunidades judaicas de toda a Europa, havendo dirigentes que o condenaram como acto de um “assassino”²¹. *O Século* faz-se eco das reacções de judeus contra Frankfurter e, sem qualquer crítica, também das lamentações nazis por não existir pena de morte na Suíça, nem censura que impeça a imprensa de agitar os espíritos contra a Alemanha²².

1.3. O “cancro democrático”

Os regimes parlamentares são um alvo constante dos sarcasmos do periódico. Perante o crescendo da ameaça bolchevista, *O Século* acusa-os de inacção e atentismo. E pergunta: “O que fazem as classes burguesas, o que fazem os conservadores, que medidas tomam os governos das grandes nações conservadoras para esmagar a minoria que se encarna em promover a miséria dos povos [...]?” Para esta pergunta retórica,

¹⁵ “As manifestações anti-semitas de Berlim”. In: *O Século*. 17.7.1935.

¹⁶ “O Núncio Apostólico em Berlim entregou uma nota de protesto contra a política religiosa seguida pelo governo alemão”. In: *O Século*. 21.7.1935.

¹⁷ “O novo ministro alemão dos cultos tentará pôr termo às divergências de carácter religioso”. In: *O Século*. 20.7.1935.

¹⁸ “O novo prefeito da Polícia de Berlim declara que vai agir energicamente contra os manejos de carácter político”. In: *O Século*. 22.7.1935.

¹⁹ “O plebiscito alemão”. In: *O Século*. 11.4.1938, p. 2.

²⁰ “Um senador norte-americano vai propor um inquérito para se averiguar se as campanhas nazis anti-israelitas e anti-católicas justificam a rotura de relações entre os Estados Unidos e a Alemanha”, In: *O Século*, 26.7.1935. “O último discurso do ministro da Economia da Alemanha, dr. Schacht, desagradou nas esferas do nazismo porque condenava os excessos anti-semitas”. In: *O Século*. 20.8.1935.

²¹ Cf. RAJFUS, Maurice – *Sois juif et tais-toi! 1930-1940. Les français “israélites” face au nazisme*. Paris, Editions de l’atelier, 1990, p. 135.

²² Cf. *O Século*. 6.2.1936, p. 2; 7.2.1936, p. 2; 8.2.1936, p. 1.

tem o editorialista uma resposta já engatilhada: “Assistem num comodismo que é cobardíssima abdicação ao espectáculo espantoso que à sua roda se desenvolve”²³. Noutra ocasião, afirma-se: “A democracia, submetida a várias decantações e sob a acção de apetites de toda a ordem, conduziu ao comunismo, inimigo da civilização e fomentador delirante da guerra”²⁴. Por isso não surpreende a conclusão de que a democracia “se transformou no maior cancro dos povos”²⁵.

A democracia condena-se a si própria e mostra-se “por toda a parte em evidente decadência”. Na própria Inglaterra, berço do moderno parlamentarismo, as necessidades prementes da preparação para a guerra vão impondo às classes dirigentes, passo a passo, a evidência de que tudo tem de decidir-se à margem das instituições democráticas. Quando o primeiro-ministro Baldwin cria uma comissão com representantes de vários partidos para tomar decisões sobre a estratégia do rearmamento, o editorialista de *O Século* exulta: “Esse pequeno parlamento substituirá o outro, por esse outro, devastado pela política partidária, se ter mostrado incapaz de cumprir rapidamente o seu dever”²⁶. Mais adiante, quando Chamberlain e Daladier dão em Munique o seu aval ao retalhamento da Checoslováquia, também essa é uma prova da necessidade de curto-circuitar opiniões públicas e parlamentos: “Foi por terem as suas Câmaras fechadas que os chefes dos governos britânico e francês puderam iniciar e levar a bom termo as negociações que precederam a Conferência dos Quatro e os acordos firmados em Munique”²⁷.

1.4. O culto do “chefe”

A verdadeira alternativa à decadente democracia não resultará, para *O Século*, de uma metamorfose gradual e cada vez mais autoritária. Essa alternativa só pode esperar-se de chefes incontestados e de férreas ditaduras: mesmo à Grã-Bretanha tem faltado “um chefe de génio e de prestígio e ninguém pode afirmar que venha a descobri-lo, quanto mais não seja por os génios serem raros”. E, num transporte de messianismo fascista, conclui o mesmo editorial que [o nervosismo da opinião pública inglesa] “só passará quando do lado de lá da Mancha aparecer o homem excepcional que traga dentro de si a coragem e a força necessárias para reconduzir o Império ao seu antigo esplendor”²⁸.

Em Itália, pelo contrário, encontrou-se já o salvador da pátria. A propósito de um discurso de Mussolini, volta-se ao tema: “O homem que dirige os destinos da Itália com tanta firmeza e com tamanha decisão pode ser acusado de tudo, menos de encobrir o seu pensamento. Sabe sempre o que quer e para onde vai”²⁹. Também é suposto os discursos de Hitler distinguirem-se por essa franqueza própria dos grandes ditadores: “Por saber falar verdade é que a voz de Hitler é escutada com interesse e a sua vontade, em geral,

²³ “A frente única da ordem”. In: *O Século*. 3.8.1936.

²⁴ “E o Parlamento?”. In: *O Século*. 19.11.1936.

²⁵ “Processos iguais, resultados idênticos”. In: *O Século*. 19.3.1937.

²⁶ “E o Parlamento?”. In: *O Século*. 19.11.1936.

²⁷ “Duas atitudes”. In: *O Século*. 13.10.1938.

²⁸ *O Século*. 22.5.1936.

²⁹ “Palavras claras”. In: *O Século*. 27.8.1937. “Governos que governam e governos que são governados”. In: *O Século*. 5.11.1936.

triumfa. Por saberem exprimir-se com verdade é que Salazar e Mussolini impõem internacionalmente os seus critérios e as suas opiniões³⁰.

Outra característica dos chefes, é a de não perderem tempo e saberem utilizar com energia a técnica do facto consumado. Tanto Hitler como Mussolini deram disso bons exemplos em várias crises internacionais: “Foi assim com a reocupação da Renânia. Foi assim com a conquista da Etiópia. E voltou a ser assim com a anexação da Áustria”. Esta última, em especial, foi levada a cabo com “a mão do mestre”, “com uma precisão matemática e sempre dentro do âmbito de oportunidades que os outros criam e que o *Führer* não deixa jamais de aproveitar”³¹.

1.5. O fascismo como solução

A afirmação do papel do chefe vai emergindo, na Alemanha, através das diversas crises internas do regime: primeiro, na purga sangrenta de Junho de 1934 e, depois, na selecção burocrática de Janeiro e Fevereiro de 1938. Nestas, é concluído o afastamento do banqueiro central Schacht, é substituída a direcção militar (Blomberg) e a direcção da diplomacia (Neurath). Em todos os casos se trata de conservadores aderidos ao regime nazi, no caso de Neurath também às SS. Nenhum destes homens chegou ao nazismo como folha em branco. Todos traziam de trás uma bagagem política que os tornava impróprios para encarnarem o tipo de burocrata exigido pelo novo regime. Até 1938, explica *O Século*, “o chefe supremo do nazismo teve de aproveitar o que de melhor encontrou nos meios militares e políticos, com todas as suas qualidades e virtudes, e também com todos os seus defeitos”. Mas, do ponto de vista do nazismo, e também de *O Século*, “o período de transição, porque o era, não podia durar sempre. Tinha de atingir um dia o seu termo”. E, nesse momento, “os homens novos cuidadosamente formados para substituir os antigos apresentar-se-iam a tomar conta de lugares e de posições que a boa táctica e a perfeita prudência aconselhavam a entregar apenas a gente de absoluta confiança. Para que a mudança radical se desse, esperava-se apenas o ensejo propício”.

A purga de generais e diplomatas em 1938 é aplaudida por *O Século*, que vê nela um sinal de “o nacional-socialismo germânico ter atingido aquilo a que bem pode chamar-se a sua maioridade”. Essa purga tinha de ser especialmente rigorosa na cúpula de uma *Wehrmacht* em acelerada preparação para a guerra, afastando “quantos nos altos comandos do exército não oferecessem ao nazismo e à sua política a devida e necessária confiança. A indispensável operação cirúrgica efectuou-se com rapidez fulminante”. Por isso, o balanço global é francamente positivo: “O nacional-socialismo não saiu enfraquecido, nem coisa que se pareça, da refundição por que acaba de passar. Saiu, pelo contrário, dessa provação viril e mais forte”³².

Duma maneira geral, o entusiasmo pelos êxitos fascistas é generosa e equitativamente distribuído pelos editoriais de *O Século* aos regimes dessa família. Tanto mais curiosa se torna uma aparente derrapagem, em que o regime português sofre uma comparação

³⁰ “Colónias alemãs”. In: *O Século*. 1.11.1937.

³¹ “Os factos é que falam ...”. In: *O Século*. 31.3.1938.

³² “O caso alemão”. In: *O Século*. 17.2.1938.

desfavorável com o alemão. Surge esta a propósito da praga de acidentes de trabalho, tantas vezes mortais, registados em Portugal. O editorialista contrasta a impunidade reinante em Portugal com o rigor existente na Alemanha: aí, “quem prevarica responde pela sua ausência de competência ou de consciência. Vai para a cadeia até se averiguar onde chegam as suas responsabilidades e lá ficará se os júizes o declararem culpado”³³.

Com frequência se glosa também o tema do nazismo como fenómeno dignificador da classe trabalhadora. A propósito da visita a Lisboa de um navio de recreio com trabalhadores alemães em férias, comenta-se que ele constitui “um deslumbrador prodígio de organização social”. E acrescenta-se, categoricamente, que “têm sido as classes trabalhadoras da Alemanha as que mais têm aproveitado com o advento da República hitleriana”³⁴. Meses mais tarde, por ocasião de uma nova visita com o mesmo carácter, opina o editorialista que, no comportamento dos trabalhadores alemães desembarcados em Lisboa, transparece a solução encontrada pelo regime nazi para os problemas sociais: “A alegria espirra-lhes [a esses trabalhadores] de todos os gestos e de todas as expressões fisionómicas”³⁵.

2. *O Século* defende a política externa alemã

2.1. A retórica pacifista de Hitler

Uma das primeiras manifestações da simpatia de *O Século* pelo expansionismo nazi tem lugar com o plebiscito do Sarre, em 1935. No editorial de 16 de Janeiro, celebra-se a “esmagadora maioria” obtida pelo nazismo no plebiscito. Não escapam ao editorialista os indícios da voracidade nazi que ia permanecer insaciada: “Sobre o júbilo geral provocado pelos resultados do plebiscito, paira esse farrapo de nuvem que só o governo de Berlim pode adensar ou desfazer. Se esse governo persistir em exigências impossíveis de atender, a um motivo de discórdia outros sucederão e a paz não alcançará tão cedo a estabilidade indispensável”. Mas a esperança num comportamento sensato dos nazis domina as apreensões do momento: “Se [o governo de Berlim] seguir o critério oposto, se souber dominar as suas impaciências, dando tempo ao tempo, todos os pontos de fricção [...] desaparecerão num futuro próximo”. Noutro passo, afirma o autor do artigo que “os resultados do plebiscito sarrense não podem deixar de ser favoráveis à tranquilidade europeia”. E passa a sustentar que “a humanidade inteira deve exultar com isso”. Isto porque é suposto desaparecer “a fonte de discórdia que o predomínio francês na região sarrense ocasionava”. Entretanto, vários discursos de Hitler sobre política externa são, com frequência, objecto de apreciação positiva ou mesmo entusiástica. Um, de Maio de 1935, é apresentado aos leitores como pacote de propostas verdadeiramente pacifistas: o *Führer*, “em lugar duma espada flamejante, trouxe nas mãos um ramo de oliveira”³⁶.

³³ “Responsabilidades efectivas”. In: *O Século*. 26.12.1936.

³⁴ “Os factos é que falam ...”. In: *O Século*. 31.3.1938.

³⁵ “Comparemos”. In: *O Século*. 7.11.1938.

³⁶ “Hitler falou”. In: *O Século*. 23.5.1935.

O Século condenara a Itália pela invasão da Etiópia e relatara a guerra desde uma posição de simpatia pelos etíopes. Mas evita condenar com igual dureza a remilitarização da Renânia e, neste ponto, tem mesmo a audácia de tomar as suas distâncias face à posição oficial do governo português, que na Sociedade das Nações votou favoravelmente a moção franco-belga contra a violação da legalidade internacional pela Alemanha³⁷. São sucessivos editoriais de *O Século* que vão manifestando uma posição mais pró-alemã do que a da diplomacia portuguesa. Logo em 10 de Março, afirma-se que o dirigente nazi “colocado no ponto mais alto da escala social alemã, não pode deixar de ver a situação a que a Alemanha foi arrastada pela última guerra senão sob um critério intransigentemente alemão”³⁸. Dias depois, em 26 de Março, reitera: “Hitler afirma que quer sinceramente substituir o espírito da guerra pelo da paz. Não traz na mão a espada flamejante de um Átila fero e bruto, mas um simbólico ramo de oliveira”³⁹.

2.2. O “belicismo” francês e o *appeasement* britânico

Em Dezembro de 1937, por ocasião da visita a Berlim do chefe da diplomacia francesa, Flandin, um editorial de *O Século* insiste em responsabilizar a França pela tensão existente nas relações com a Alemanha. Isto porque a paz “é ardentemente desejada do lado de lá do Reno”. Mas, do lado da França, as diligências alemãs “têm esbarrado invariavelmente com uma resistência cujos efeitos inquietantes a ninguém têm passado despercebidos”⁴⁰.

A contemporização britânica com a política nazi de factos consumados é, pelo contrário, encarada com alguma simpatia nas colunas do jornal. Mas a simpatia pela política britânica tem os seus altos e baixos. Aos baixos nos referiremos em seguida, a propósito da guerra civil de Espanha e das propostas de partilha colonial. Entre os altos pode especialmente contar-se o entusiasmo de *O Século* pela subida ao poder do *appeaser* Neville Chamberlain⁴¹, que não precisará de muito tempo à frente do Governo para ser catalogado como “o infatigável, o heróico salvador da paz”⁴².

Dois meses depois desta tirada, em plena crise dos Sudetas, o entusiasmo já não tem limites, quando Chamberlain voa ao encontro de Hitler para evitar a guerra. O telegrama de Chamberlain contendo a proposta de encontro “é a fotografia de uma alma nobre” e “atirou um raio de sol, abriu uma clareira no meio da noite em que os espíritos se perdiam”. Enquanto dura a euforia pelas falaciosas promessas de paz cozinhadas entre Hitler e Chamberlain, vão em crescendo as loas cantadas ao primeiro-ministro britânico.

³⁷ A posição oficial aparece resumida por Armindo Monteiro em 5 de Abril de 1936 no próprio *O Século*.

³⁸ “O discurso de Hitler”. In: *O Século*. 10.3.1936.

³⁹ “A resposta de Berlim”. In: *O Século*. 26.3.1936. A originalidade da posição de *O Século* ressalta com particular clareza na comparação com a do oficioso *Diário de Notícias*. É certo que aí se encontram algumas excepções em artigos assinados (vd., em especial, *Diário de Notícias*, 10.3.1936 e 30.3.1936). Mas, no único editorial não assinado sobre a remilitarização da Renânia, observa-se que, “depois do advento de Hitler, não se passou um ano sem que a Europa assistisse, atônita, às vitórias do ‘facto consumado’” (“A crise europeia”. In: *Diário de Notícias*. 12.3.1936, p. 1). Com a mesma tendência, vd. também, entre outros, “Nota do dia”. In: *Diário de Notícias*. 30.3.1936.

⁴⁰ “Maneiras diversas de entender a paz”. In: *O Século*. 21.12.1937.

⁴¹ “Um libelo contra a demagogia”. In: *O Século*. 23.12.1937.

⁴² “Os falsos pacifistas”. In: *O Século*. 27.7.1938.

O seu discurso, ao regressar da Alemanha, vituperou os “pacifistas sedentos de sangue” que, tomando a defesa da Checoslováquia contra o expansionismo alemão, encorajavam o presidente checo Benés a recusar o “caminho das transigências e da conciliação”⁴³.

2.3. A “não-intervenção” na Guerra Civil de Espanha

A guerra civil espanhola produz uma nova arrumação no xadrez político e *O Século* espelha-a de forma altamente instrutiva. Além de criticar severamente as vacilações da diplomacia britânica, acompanha com simpatia a aproximação germano-italiana e vai ao ponto de rever radicalmente a sua repugnância pela invasão italiana da Etiópia⁴⁴. Por outro lado, também a posição portuguesa sofre uma alteração sensível devido à Guerra de Espanha. Salazar fôra um dos pioneiros no apoio à sublevação franquista, transformara Portugal numa retaguarda logística de valor incalculável e tomara iniciativas políticas tão audazes na cena internacional que chegou a ser apontado como uma espécie de “ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Burgos”. *O Século* referiu-se sempre com entusiasmo a esse pioneirismo e justificou-o sempre contra as exigências de uma retórica de não-intervenção, que a relutante diplomacia portuguesa subscrevera a instâncias da Grã-Bretanha. Com frequência glosou o tema da estabilidade conquistada em Portugal “mercê de alguns anos de administração honradíssima e de renúncias de toda a natureza em favor da Pátria convalescente” e agitou o espantallo do regresso a “um passado tumultuário” se triunfasse a República⁴⁵.

Entretanto, com o desenvolvimento e a internacionalização crescente do conflito, as grandes potências foram tomando a dianteira e Salazar foi adquirindo um perfil mais baixo. Roma e Berlim reconheceram portanto o governo de Burgos antes de Lisboa se decidir a fazê-lo. Sobre esta perda de protagonismo nunca *O Século* se queixou abertamente nem, menos ainda, imputou ao governo de Salazar responsabilidades por ela. Mas um curioso editorial de Maio de 1938 não nos deixa dúvidas sobre a inquietação dos responsáveis do jornal quanto ao que terão considerado um papel da diplomacia portuguesa, a partir de certa altura demasiado timorato, porventura demasiado condicionado pela Aliança Luso-Britânica. Aproveita o editorialista de *O Século* o tão esperado reconhecimento oficial do governo de Burgos por Lisboa para ir deixando, nas entrelinhas, repetidas expressões de alívio por esse passo que, em sua opinião, já tardava. Começa por perguntar-se retoricamente se não “impedia sobre ela [a diligência do reconhecimento] uma urgência insusceptível de ser menosprezada”. E logo sentencia que “nenhum patriota a quem repugnem todas as delongas” em assuntos vitais poderia responder negativamente. Em seguida, filosofa o seu tanto sobre o malefício das “tergiversações nos momentos críticos da vida dos povos”. E daí conclui que o governo português, depois de ter estado “desde o primeiro minuto ao lado dos nacionalistas espanhóis”, ao longo de “quase dois anos”, tinha de reconhecer o governo de Burgos. A situação, remata, “só tinha tudo a ganhar em ser definitivamente esclarecida”⁴⁶. Depois das considerações

⁴³ “Eu sou um Homem de paz!”. In: *O Século*. 29.9.1938.

⁴⁴ “Política de realidades” In: *O Século*. 4.3.1937. “O dinamismo fascista”. In: *O Século*. 23.3.1937.

⁴⁵ “Situação esclarecida”. In: *O Século*. 14.5.1938.

⁴⁶ “Situação esclarecida”. In: *O Século*. 14.5.1938.

sobre “urgência”, “delongas” e “tergiversações”, temos portanto o final feliz de se ter clarificado o que andava já há demasiado tempo a pedir clarificação.

2.4. A política de apaziguamento

No momento em que a Alemanha invade a Áustria e desfere com isso mais um golpe mortal sobre o equilíbrio europeu, o editorial que o periódico dedica ao tema aplaude sem reservas a anexação. Fá-lo, desde logo, “por, entre os erros acumulados nos tratados de paz, a sua [da Áustria] instituição como aglomerado livre, governando-se por si próprio, não ter sido dos menores”. A solução afigura-se, aos olhos do editorialista, inteiramente satisfatória: ela irá “fazer da Áustria uma província ou um Estado alemão, o que lhe permitirá dar um passo de gigante em direcção a esse Oriente europeu, onde a Germânia tem interesses absolutamente indispensáveis à sua existência e à sua segurança”⁴⁷. Do plebiscito dirá *O Século* que mostrou uma realidade impressionante: “A Grande Germânia palpita no coração de todos os seus filhos”⁴⁸.

Com a agudização da crise entre Berlim e Praga a respeito dos Sudetas, *O Século* observara durante algum tempo uma desusada contenção nos seus editoriais. Mas já aí o tratamento noticioso era francamente favorável à Alemanha e em tudo contrário ao da “maior parte da imprensa a soldo do *Komintern* e da Maçonaria” que “apresenta a Alemanha como desejosa de guerra”⁴⁹. É neste clímax de rituais guerreiros que *O Século* descobre subitamente em propostas de Chamberlain e de Mussolini um lampejo de esperança. O primeiro-ministro britânico teve o arrojo, como atrás se disse, de voar ao encontro do *Führer*. Mussolini, por seu lado, teve o bom senso de enviar uma carta a Lord Runciman a propor um plebiscito nos Sudetas – proposta que faz descaradamente o jogo da Alemanha nazi, sem que isso diminua aos olhos de *O Século* a aura pacifista do ditador italiano⁵⁰. E é aos dois dirigentes, Chamberlain e Mussolini, que o diário especialmente se refere quando declara com solenidade: “A todos os que salvaram a pobre humanidade da maior de quantas provações podiam retalhá-la, presta *O Século* as suas homenagens reverentes e sentidas”⁵¹. Mas a atmosfera jubilosa de vitórias nazis obtidas sem guerra já não vai durar por muito mais tempo.

3. *O Século* modera a sua simpatia pelo Eixo

Nos últimos meses de 1938 e primeiros de 1939, uma sucessão estonteante de acontecimentos vai pôr à prova a orientação de *O Século*. A sucessão começa com os *pogroms* anti-semitas da noite de 9 de Novembro de 1938⁵², em toda a Alemanha. Seguir-se-á, em Março de 1939, a invasão e desmembramento da Checoslováquia, que mesmo

⁴⁷ “O facto consumado”. In: *O Século*. 15.3.1938.

⁴⁸ “Uma nova fase da política internacional”. In: *O Século*. 19.4.1938, p. 2.

⁴⁹ “Quem quer a guerra”. In: *O Século*. 17.9.1938.

⁵⁰ “Quem quer a guerra”. In: *O Século*. 17.9.38. Bem diferente, e muito mais distanciada face à Alemanha nazi, é a posição do *Diário de Notícias*. Cf., nomeadamente “A Europa e os seus ‘problemas’”. In: *Diário de Notícias*. 4.9.1938; “As portas de Genebra”. In: *Diário de Notícias*. 9.9.1938.

⁵¹ “A grande vencida”. In: *O Século*. 1.10.1938.

⁵² Conhecida como *Reichskristallnacht*.

Chamberlain não pôde achar justificável. Como sempre que se confronta com um dilema delicado, a direcção do periódico evita dedicar-lhe os editoriais: tanto perante os *pogroms* de Novembro como perante a invasão de Março, a sua posição apenas pode ser reconstituída pela observação do tratamento noticioso. Entretanto, o diário volta a inquietar-se com a política colonial italiana, como já sucedera durante a invasão da Etiópia, e torna-se muito mais prudente sobre as reivindicações coloniais alemãs, até aí apoiadas sem reservas.

Quando é assinado o pacto germano-soviético, a desconfiança face à Alemanha nazi cede lugar ao horror: “Como os factos agora vieram demonstrar, a ofensiva do sr. Hitler contra o ‘Komintern’ era um jogo que o sr. Estalin, fingindo-se zangado, secundava admiravelmente. Entendiam-se os dois há muito tempo”. Elabora-se mesmo uma teoria da conspiração que suspeita nas conversações da URSS com a França e a Inglaterra uma “traição vil”, com o único propósito de ficar a conhecer planos militares dos dois interlocutores, provavelmente “para informar o sr. Hitler”. O naufrágio das expectativas que a França e a Inglaterra depositavam numa aliança com a URSS ter-lhes-á trazido, no entanto, “uma enorme vantagem”. “É que a França deixou de pensar na Rússia e compreendeu, com a Inglaterra, que um caminho se impunha: a aliança absoluta com a Polónia, para contrariar a expansão alemã e salvar a Europa”.

Com esta viragem, morre também a política do *appeasement*: “Ninguém quer a guerra. Mas todos entendem que chegou o momento de acabar com exigências desmedidas. A França – todo o povo francês – como a Inglaterra compreende que esta ocasião é única. Se deixassem esmagar a Polónia, teriam de ceder o resto... Por isso estão prontas para lutar; por isso é difícil evitar a guerra”. Da política anterior só parece restar uma apreciação benevolente do franquismo, agora desobrigado de uma fidelidade canina a essa Alemanha afinal aliada com a URSS, e uma apreciação igualmente benevolente do fascismo mussoliniano, porque “a própria Itália não conhecia, perfeitamente, a extensão do *bluff*”⁵³. Nos dias seguintes, nota-se mesmo um certo tom autocrítico: demonstrou-se entretanto que “não era a transigência que podia conduzir a barca da paz a porto de salvamento, mas a firmeza, a decisão, a coragem das atitudes claras e terminantes, levassem elas onde levassem”⁵⁴.

4. Conclusão: balanço de um quadriénio de *O Século*

O Século realizou, assim, diversas viragens num período relativamente curto. Assim, na procura de um modelo de ditadura, o que se lhe oferece com mais naturalidade começa por ser o fascismo italiano, que atravessou os anos 20 e parece chegar ao dobrar da década consolidado e pujante. Em Portugal, segue-se a tomada de rédeas por Salazar, que *O Século* apoia com determinação. Tanto em Itália como em Portugal, ambos países-apêndices dos vencedores da Primeira Guerra Mundial, estão agora no poder ditadores nacionalistas que tratam de sufocar o movimento operário, mas não têm motivos para querer uma revisão das fronteiras da Europa. *O Século*, que apoia este duplo programa, não se deixará entusiasmar imediatamente pela ascensão do nazismo ao poder.

⁵³ “É necessário opor um dique a ambições desmedidas”. In: *O Século*. 28.8.1939.

⁵⁴ “Dois homens”. In: *O Século*. 31.8.1939.

Mas, no início de 1935, muita coisa vai mudar na orientação do periódico. A partir de Janeiro desse ano, *O Século* aplaude o plebiscito no Sarre, como vai apoiar depois a remilitarização da Renânia, a anexação da Áustria, a ocupação dos Sudetas, a invasão e desmembramento da Checoslováquia restante. Ele aplaude o expansionismo alemão e o correspondente revisionismo das fronteiras de Versalhes sempre contra a França e mesmo, quando é necessário, contra o grande baluarte do conservadorismo europeu – a Grã-Bretanha. Pelo menos no caso da remilitarização da Renânia, vai ao ponto de aplaudir contra a política externa de Salazar a política nazi de factos consumados. Já no que diz respeito ao expansionismo italiano, no caso da invasão da Abissínia, o jornal começa por reprová-lo claramente. Depois, a aproximação ítalo-alemã a partir da invasão da Abissínia e principalmente a partir da Guerra de Espanha facilita ao jornal a defesa do que vai ser o Eixo nazi-fascista. Por seu lado, a política apaziguadora de Chamberlain permite a *O Século* defender ao mesmo tempo a política nazi e o respectivo caucionamento por Londres.

O alinhamento ao milímetro com a política externa alemã no quadriénio 1935-1939 traduz-se numa propaganda sistemática do jornal a favor do regime nazi. Essa propaganda é fundamentalmente a das realizações do regime e a da instauração da ordem. Ela não se apresenta, geralmente, como a de um exemplo a seguir em Portugal, e sim como a de um regime aparentado às restantes ditaduras nacionalistas, incluindo a portuguesa, e com as mesmas, ou muito semelhantes, virtudes. Habitualmente, essas virtudes das ditaduras e dos fascismos realçam-se no jornal em contraste com a falência das democracias parlamentares. Ocasionalmente sucede, porém, que em nome dos direitos dos trabalhadores se enalteça o nazismo como modelo a seguir em Portugal. Características do nazismo mais difíceis de encaixar neste quadro idílico, como o seu anti-semitismo, são minimizadas, recalcadas ou ocultadas.

Todo o entusiasmo ideológico de *O Século* pelo nazismo está, em termos práticos, sobredeterminado pela política externa e dissipar-se-á a partir do início de 1939 e, definitivamente, a partir de Agosto desse ano, com a assinatura do pacto germano-soviético. Nesse momento, o público leitor já encontrará o jornal a defender a integridade da Polónia contra a Alemanha. Assim termina o quadriénio germanófilo de *O Século*.